

Dança  
21, 22 Janeiro 2011

# Trompe le Monde

de Márcia Lança & Nuno Lucas

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Coreografia e performance** Márcia Lança e Nuno Lucas **Desenho de luz** Alexandre Coelho  
**Som** Olivier Renouf **Colaboração** Pedro Paiva **Produção executiva** Sérgio Parreira  
**Co-produção** Culturgest e VAGAR **Apoio à Residência** GDA – Gestão dos direitos dos artistas  
**Residências Artísticas** ACCCA, Bomba Suicida, Teatro Viriato, Tanzwerkstatt – Berlim, ZDB –  
Negócio **Apoios** Grupo Sportivo Adicense, BLOODYMARY & BRAUN  
**Agradecimentos** Cláudio da Silva, Gael Cornier, Madeleine Fournier, João Calixto,  
Vladimir Zibnowski, Pedro Louro, Benedetta Maxia, Gil Mendo, Fórum-Dança,  
Clara Andermatt, Cláudia Galhoz, Inês Botelho, Miguel Pereira, Jorge e Júlia  
Almeida, Maria de Assis, Paula Garcia, Paulo Ribeiro, Sabine Seifert, André Thériault,  
Ulrike Becker, Sofia Matos, Pedro Valdez Cardoso, Marta Furtado, Naxto Checa,  
Sofia Campos, Re.al, Sinal 26, Iuri Albarran, Nuno Moreira, Francisco D’Orey,  
Susana Lopes, Hermann Heisig, Elpida Orfanidou, Cinira Macedo, Sofia Gonçalves,  
João e Maria Lucas, António e Natália Lança e Pedro Cal.

No dia 22, após o espectáculo,  
haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Sex 21, Sáb 22 de Janeiro · 21h30  
Palco do Grande Auditório · Duração aprox. 50 min · M12

a noite, o oculto, a morte, o silêncio,  
o escuro, o desaparecimento, o invisível

### Prólogo

Conhecemo-nos em 2000. Em 2003 vivemos sete meses na mesma casa, sem quase nos cruzarmos. Em 2005 alugámos um estúdio sem qualquer objectivo de construir uma peça mas apenas com o desejo de criar um espaço de diálogo e de troca. Em 2007 ele viu *Dos joelhos para baixo* o primeiro solo dela. Em 2008 ela viu *Pongo Land* a primeira peça dele. Em 2009 reunimos o nosso passado, pusemo-lo no presente e começámos a criar a nossa primeira peça em conjunto.

### Encontro

Sabíamos que o que nos unia era sobretudo a nossa cumplicidade artística e o desejo de trabalhar em colaboração. Contudo, queríamos aproveitar os primeiros tempos para simplesmente nos encontrarmos e nos sintonizarmos. Este seria o momento para testar as primeiras ideias.

Durante as primeiras semanas de trabalho, em Dezembro de 2009, demo-nos a oportunidade de ir para estúdio, um ano antes da estreia, para desvendar a matéria sobre a qual iríamos trabalhar. Ai começámos a formar o nosso universo de ideias, materiais, sonhos, visões, atmosferas, emoções, movimentos e pensamentos que viriam a ser o centro da nossa investigação.

### Sobre *Trompe le Monde*

*Trompe le Monde* é um movimento permanente de reinvenção, de descoberta, de abertura a novos lugares. Dá a ver – sugerindo, afirmando, revelando – o invisível. Assumindo uma ingenuidade infantil no fazer crer, no fazer de conta, no fazer desaparecer e aparecer, preten- demos fazer sonhar. Temos que fechar os olhos para ver. A ideia é imaginar.

*Trompe le Monde* utiliza truques e efeitos mas com moderação.

*Trompe le Monde* propõe um espaço de silêncio para o olhar. A escuta como passagem para o pensar. O maravilhoso mundo do não dito.

*Trompe le Monde* é o lugar onde se passa o tempo, uma espécie de tempo difícil de nomear, suspenso entre a vida e a morte.

*Trompe le Monde* é a arte de coreografar o imaginável.

“Um homem propõe-se desenhar o mundo. Ao longo dos anos, vai povo- ando o espaço com imagens, províncias, reinos, montanhas, baías, barcos, ilhas, peixes, casas, instrumentos, astros, cavalos e pessoas. Pouco antes da sua morte, descobre que este paciente labi- rinto de linhas traça a imagem do seu próprio rosto.”

Jorge Luis Borges, “O Fazedor – Epílogo”, *Obras Completas*, Vol. II, 1952- -1972, Teorema, Lisboa, 2004, p. 230.

“Inelutável modalidade do visível: pelo menos isso, se não mais, pensando através dos meus olhos. Assinaturas de todas as coisas estou aqui para ler, marissêmen e maribodelha, a maré montante, estas botinas carcomidas. Verde-muco, azulargênteo, carcoma: signos coloridos. Limites do diáfano. Mas ele acrescenta: nos corpos. Então ele se compenetrava deles corpos antes deles coloridos. Como? Batendo com sua cachola contra eles, com os diabos. Devagar. Calvo ele era e milionário, *maestro di color che sanno*. Limite do diáfano em. Porquê em? Diáfano, adiáfano. Se se pode pôr os cinco dedos através, é porque é uma grade, se não uma porta. Fecha os olhos e vê.”  
James Joyce, *Ulysses*, tradução de António Houaiss, Difel, 7ª edição, Lisboa, 2001.

---

## Márcia Lança

---

Nasceu em 1982, em Beja. Estudou Antropologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa.

Em Maio de 2009 estreou a sua criação *Morning Sun* no Tempo - Teatro Municipal de Portimão. *Morning Sun* foi apresentado em Itália, França e Portugal. No mesmo ano foi intérprete e co-criadora de *West Coast*, com direcção de Ruben Soares (TRUTA), com estreia em Lagoa e reposição no CCB em Lisboa.

Em 2006 recebeu o primeiro prémio do Programa Jovens Artistas Jovens com o solo *Dos joelhos para baixo*. O solo foi apresentado em Itália, França, Portugal e Tunísia.

Destaca o trabalho de intérprete e colaboradora com os coreógrafos João Fiadeiro (projecto *Existência e Para onde vai a luz quando se apaga?*) e Cláudia Dias (co-criação de *3 Figuras do Excesso*, colaboração em *Visita Guiada* e interpretação em *Das coisas nascem coisas*).

Colaborou em 2005/06 com Olga Mesa no Pôle Sud em Estrasburgo. Foi também assistente dramaturgica no solo *UM SÓ* de Karenina de los Santos com estreia no Alkantara Festival em Maio 2010.

Em 2002 interpreta e cria, em colaboração com Ana Fernandes e Ana Rita Teodoro, o trio *Uma saia para três mulheres* no contexto da comemoração dos 50 anos do Hospital Júlio de Matos (Pavilhão 21C).

Iniciou a sua formação em Artes do Espectáculo no Chapitô (1999/02).

Da formação em dança destaca *ex.e.r.ce 05* no CCN de Montpellier, o curso básico de Análise do Movimento,

pelo IAM (2004), o Curso de Dança Contemporânea e Pesquisa de Movimento na SNDO de Amesterdão (2003), o Curso de Pesquisa e Criação Coreográfica no Fórum-Dança (2002) e a formação contínua no C.E.M. (2001/04).

Estudou Voz no Conservatório Regional do Baixo Alentejo (1998/99) e desenvolveu composição vocal com Francisco D'Orey, Catherine Rey, Meredith Monk e Lúcia Lemos.

Pertence à rede Sweet&Tender Collaborations, um grupo de 60 artistas a nível mundial.

---

## Nuno Lucas

---

Nasceu em 1980, nas Caldas da Rainha. Actualmente reside entre Lisboa, Paris e Berlim. Trabalha como coreógrafo e performer.

Começou a revelar aptidão para a comédia aos cinco anos. Imitava figuras públicas, personagens típicas, cantores e vozes de animais. Entre 1989 e 1991 viveu na ilha da Madeira onde iniciou os seus estudos de música (bandolim, guitarra acústica, eléctrica e voz). Durante toda a escolaridade, participou em peças de teatro amador, bailados e concertos.

Em 1998 foi viver para Lisboa e finalizou a licenciatura em Economia na Universidade Nova de Lisboa. Em Maio de 2001 participou no seu primeiro *workshop* de dança e nesse mesmo ano estreou-se como intérprete com o coreógrafo Miguel Pereira no Teatro Nacional D. Maria II. Em 2003 é convidado por João Fiadeiro para conceber os seus primeiros esboços coreográficos no LAB10. Posteriormente, foi co-autor e performer

com Cláudio da Silva e Martim Pedroso em *Weekend* (2006). A solo criou *What can be shown cannot be said* (2007). Em colaboração com Hermann Heisig concebeu e interpretou *Pongo Land* (2008) e *What comes up, Must go up* (2009), este último também com Irina Müller. Apresentou os seus trabalhos em Portugal, França, Alemanha, Holanda e Suíça. Trabalhou com inúmeros artistas destacando a sua participação como performer com Miguel Pereira e o seu encontro com Meg Stuart.

Na sua formação foram determinantes os cursos de pesquisa e criação coreográfica no Fórum Dança e ex.e.r.ce no Centro Coreográfico Nacional de Montpellier, sob a direcção de Mathilde Monnier e Xavier le Roy, onde foi bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Pertence à rede Sweet&Tender Collaborations, um grupo de 60 artistas de todo o mundo.

---

## Olivier Renouf

---

Nasceu em 1953, em Brest, França. Trabalha e vive em Marselha e Paris. Fez estudos de psicologia clínica, frequentou as aulas de composição de electro-acústica de Guy Reibel no Conservatório de Paris e os ateliers de Philippe Mion e Jacques Lejeune. Faz sobretudo criações e realizações sonoras para espectáculos de teatro, dança contemporânea e instalações com Serge Hureau, Aperghis George, Emmanuelle Huynh, Dunes Groupe, Odile Duboc, François-Michel Pesenti, Paco Decina, Daniel Jeanneteau, Boris Charmatz, Mathilde Monnier e Nan Goldin.

## Alexandre Coelho

Nasceu em 1965, em Lisboa. Vocacionado para o tratamento da imagem do espectáculo nas artes performativas, é sobre uma das suas componentes, a iluminação, que desde 1989 desenvolve a sua actividade essencial como designer, operador e docente. Participa, igualmente, em diversas produções de espectáculos de música, teatro, multimédia, instalações e outros eventos. Foi Director Técnico da área de espectáculos da Porto 2001 Capital Europeia da Cultura e no âmbito do Pavilhão de Portugal, na Expo Saragoça 2008. Desempenha esta função para o Festival Temps d'Image desde 2004.

De entre os espectáculos para os quais desenhou luz, destaca *Reset* (Vasco Mendonça); *Da Boca Para Dentro* - dir. Ana Tamen; *Electricidade Estática* (Paulo Furtado, Carrilho da Graça, Julião Sarmiento, João Louro); *Ode Marítima* - versões 2008 (Casa dos Dias de Água e Central Tejo) e 1988 (Luxemburgo, Bélgica, Almada, Porto, Teatro Maria Matos, Mérida, Setúbal), LULU LX 2004, *Metamorphis* - dir. Alberto Lopes; *A Inesperada* e *Beija-me* - dir. Susana Vidal; *Nefertiti* (ópera) - dir. José Júlio Lopes (Teatro da Trindade 2000), *Sonho de uma noite de verão*, *Acqua Matrix* (espectáculo nocturno diário da Expo'98); *Despir a que está nua* (CCB 95), *Cenas de uma Execução* - dir. São José Lapa e Alberto Lopes (TNDMII 97), *Bom Dia Benjamim* - dir. António Feio (CCB 98); *Tempo de Cante, Vinho e Paixão* - dir. Julieta Santos e Luís Cruz; *Frágil! Frágil!* Atelier de Teatro (Estrela 60, S. Luiz, Porto, Frágil).

## VAGAR

Fundada em Março de 2008. Produziu desde essa data os espectáculos *Dos joelhos para baixo* de Márcia Lança, *Morning Sun* de Márcia Lança com João Calixto. Estreia actualmente o espectáculo *Trompe le Monde* de Márcia Lança e Nuno Lucas.

## Próximo espectáculo

# Steve Lehman Octet

**Jazz** Qua 26 Janeiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12



**Saxofone alto** Steve Lehman **Trompeta** Jonathan Finlayson **Saxofone tenor** Mark Shim **Trombone** Tim Albright **Tuba** Dan Peck **Vibrafone** Chris Dingman **Contrabaixo** Drew Gress **Bateria** Tyshawn Sorey

A nova formação de Steve Lehman foi, talvez, a maior surpresa do jazz nova-iorquino em 2009 e o CD então publicado, *Travail, Transformation, and Flow*, transitou de imediato para o topo das listas de melhores do ano em todo o mundo, Portugal incluído, entre revistas, websites e blogues. Na *jazz.pt*, foi uma das primeiras escolhas dos redactores, tendo merecido a pontuação máxima na secção de crítica. A proposta apresentada pelo saxofonista e compositor justificou-o plenamente: com base numa construção rítmica que vai beber ao *hip-hop* e ao *drum'n'bass*, seguindo as premissas do colectivo M-Base que tanto marcaram Lehman (e que passam pela inclusão de elementos das músicas populares de raiz afro-americana na gramática jazzística), o que está em causa nesse disco é a aplicação dos recursos harmónicos do espectralismo,

na particular visão dos compositores contemporâneos Tristan Murail e Gérard Grisey. A música espectral caracteriza-se pelas suas harmonias microtonais, calculadas segundo relações de frequências e não de acordo com os convencionais intervalos da escala musical, e esta foi a primeira vez que o jazz aproveitou tais recursos. Se na música do Steve Lehman Octet é evidente a influência de obras pioneiras da história do jazz como *One Step Beyond* de Jackie McLean e *Evolution* de Grachan Moncur III, ligando-a ao natural fluxo de uma tradição, com este projecto o seu líder abriu uma nova etapa para o futuro deste género musical. A oportunidade de ver e ouvir estes músicos, considerados como a nata da cena da Big Apple - além de Lehman, Jonathan Finlayson, Mark Shim, Tim Albright, Chris Dingman, Dan Peck, Drew Gress e Tyshawn Sorey -, suscita, assim, as mais entusiásticas expectativas.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

##### Gonella

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

##### Direção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Franco Gil estagiária

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

#### Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@gcd.pt · www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---



TANZWERKSTATT BERLIN

